Capítulo IV – Análise da Entrevista de Alberto

“Narrar é tornar presente”

(Linde, 1993)

A fim de investigar construções de identidade de brasileiros que vão para os Estados Unidos em busca de especialização acadêmica, analisamos a estória de vida de Alberto, professor de Economia que deixa as relações seguras e “camaradas” do seu país para enfrentar as dificuldades de um país regido por sistemas culturais diferentes dos que ele está acostumado.

Para se inserir nesse novo contexto, Alberto, assim como tantos outros brasileiros em mesma condição, precisa superar diversas dificuldades, tais como: a) domínio da língua inglesa falada e escrita; b) a solidão e insegurança das relações de amizade; c) se adaptar a um sistema baseado na competição e meritocracia (Barbosa, 1999), conceito a ser muito utilizado nesta seção.

Dessa forma, Alberto precisa construir identidades, no âmbito de relações de solidariedade presente nas relações da casa³ ou entre iguais, assim como dê conta nas relações do ambiente da rua e competição do ambiente acadêmico (Da Matta, 2000). Até que ponto se pode transpor as barreiras interculturais? No ambiente competitivo? Porque no ambiente da casa, as relações mais seguras são aquelas em que eles ressaltam as

³ Da Matta (2000) introduz o conceito de casa e rua. Para ele, são esses dois conceitos que estruturam e orientam o pensamento e a cultura brasileira, ou seja, “um código pessoal em coexistência com um sistema legal individualizante enraizado na ideologia burguesa liberal. Tal sistema dual expressar-se-ia na posição que ‘casa’ e ‘rua’ ocupariam na gramática social brasileira: a ‘casa’, domínio privado por excelência, seria o território da intimidade, do familiar, das relações pessoais, do parentesco, da afeição e do descanso; a ‘rua’ (mercado, Estado, tráfego, entre outros), domínio público por excelência, seria um ambiente vivido e percebido como ‘a dura realidade’, esfera do trabalho, da luta, da disputa pela sobrevivência e, com bastante frequência, da punição” (Da Matta, 2000:26-27).

relações de sua “brasilidade”. Eles precisam criar o próprio caminho para se inserir na cultura hospedeira, no ambiente acadêmico, o que fazem através de uma característica própria da sociedade americana, a “meritocracia” (Barbosa, 1999), ou seja, a conquista do sucesso através do esforço e mérito próprios, baseados no individualismo e na competição. A sociedade brasileira tende mais para as relações de *status* entre as pessoas, a partir de ‘quem conhece’, qual é a família a que pertence (Trompenaars & Hampden-Turner, 1998: 9, 29, 105-6).

O povo americano trata as organizações, bem como as relações nela travadas como “entidades isoladas de seus ambientes socioculturais” (Barbosa, 1999:18), enquanto que os brasileiros insistem em fazer das relações da rua uma extensão das relações de amizade da casa. Ao se depararem com essa nova realidade, há um estranhamento, pois, para o povo brasileiro, competição e meritocracia são conceitos velados. Barbosa ressalta que a palavra meritocracia é pouco utilizada em nosso vocabulário, embora ela se refira a “uma das mais importantes ideologias e ao principal critério de hierarquização social das sociedades modernas, que permeia todas as dimensões de nossa vida social no âmbito do espaço público” (Barbosa, 1999:21).

Segundo Barbosa, o conceito de meritocracia pressupõe que exista, sem que jamais tenha sido formalmente dito, ou seja, por senso comum, um conjunto de valores que faz com que o esforço individual seja balizador das posições que os indivíduos ocupam na sociedade, medidos pelo mérito de cada um. E ainda que esse mérito ultrapasse o âmbito individual, pois ele deve ser publicamente reconhecido.

Em momento algum Alberto deixa transparecer a importância do trabalho (não o mesmo trabalho que leva tantos outros brasileiros em diferentes condições a migrar – até mesmo ilegalmente – para os Estados Unidos, mas o trabalho em geral, ou seja, aquele fora do ambiente acadêmico, onde se pressupõe um trabalho mais intelectual). O trabalho, que num primeiro momento pensou-se em ser o foco deste estudo, não está muito presente em sua narrativa, embora saibamos (inclusive o entrevistado) a importância que ele teve na sua decisão de ir para os Estados Unidos e que até hoje exerce em sua vida.

Alberto não conta toda sua trajetória, mas conta uma estória de vida que definiu sua identidade de professor. Ele fala de um ponto específico, que é a sua experiência acadêmica nos Estados Unidos. Para chegar a esse momento ele faz um breve retrospecto de sua carreira estudantil, passa pelo momento crucial de ir para o país estrangeiro (quando é dada maior ênfase) e atualiza suas atividades, perspectivas e avalia a experiência de ter vivido e estudado fora.

A narrativa está, assim, organizada em macro-blocos temáticos de acordo com as fases que Alberto estabelece como importantes para que o ouvinte possa saber um pouco sobre si através da sua estória de vida. O importante a ressaltar é que esses macro-blocos temáticos são divididos em escolhas que buscam trajar o percurso de sua trajetória de ida, permanência no país e retorno, na configuração e reconfiguração de suas construções de identidade. Também ressaltamos que a divisão dos macro-blocos temáticos pode ser considerada como o que convencionamos por chamar de macro-blocos narrativos, pois ele está dividido em resumo/orientação (macro-bloco 1); ação complicadora (macro-bloco 2) e coda (macro-bloco 3), lembrando que a avaliação permeia toda a narrativa. Acreditamos que a narrativa está assim naturalmente dividida porque, embora Alberto nos relate sua estória de vida, a narrativa dele faz parte de um ponto específico, que é falar da sua experiência enquanto estudante nos Estados Unidos.

4.1 - Macro-bloco temático 1: Escolhas ao acaso – Vivendo nas bordas

É nesse primeiro contato que Alberto faz a contextualização da sua estória de vida, contando como ele chegou – sempre por acaso – à faculdade de Economia, escolha que vai lhe render no futuro o sucesso, satisfação e mérito de ser o primeiro brasileiro a ser professor assistente de um dos economistas mais conhecidos e respeitados da época, e ainda assim, desde o início, Alberto mostra um *self* construído a partir da humildade.

4.1.1- O vencedor de dificuldades

Para mostrar que desde o início da sua vida Alberto teve de lidar com as longas distâncias, as escolhas mais penosas e ainda assim superar tudo isso, o entrevistado começa a contar sua estória de vida a partir da sua infância, mesmo que fazendo apenas um breve relato (ou uma crônica para Linde, 1993), a fim de convencer a audiência que tais dificuldades não seriam problemas para ele, já que desde cedo se acostumara a isso.

Fragmento 1

007. **Alberto:** To com quarenta anos, eu comecei bem novo () bem longe de
 008. casa () me consumia horrores no deslocamento, fui parar
 009. então na escola pública no fim da minha rua.

A partir desse primeiro momento ele já se mostra uma pessoa acostumada desde “bem novo” (l.7) às distâncias (l.7-8). Segundo Levi (2002), as estórias de vida são sempre repletas de projetos, que são mostrados nas narrativas através dos “já”, “desde então”, “desde pequeno”, “sempre”, conforme o faz Alberto. É a partir dessas estratégias que Alberto mostra o tipo de *self* que irá permear a narrativa, ou seja, uma pessoa sem problemas de adaptação. Daí em diante, sua construção de identidade vai se pautar pelas escolhas ao acaso.

Fragmento 2

011. **Alberto:** Vou. Então, então, na na minha rua mesmo tinha uma escola
 012. pública, onde eu fiz (?) segundo e terceiro, segundo e terceiro
 013. anos primários, do primário. (?) na quarta série (?) onde fiquei
 014. até ir pra URBE. Fiz vestibular pra URBE de economia, como
 015. eu não queria fazer outra coisa que não URBE, fiz o USCE
 016. pra Contabilidade.
 017. **Carol:** Hu-hum.
 018. **Alberto:** A dúvida era Estatística ou Contabilidade, a idéia era que
 019. economia era talvez mais importante, depois fazer
 020. contabilidade talvez fosse (?) funções e aquisições.
 021. **Carol:** Hu-hum.

022. **Alberto:** E aí economia tava como hobbie, conhecimentos gerais.
023. **Carol:** Hu-hum.
024. **Alberto:** Um negócio que ia enriquecer, podia fazer essa experiência,
025. quem sabe, mais adiante. Mas se fosse estatística (?). Eu, eu já
026. gostava um pouco de economia, razoavelmente, e fiquei, fiz
027. economia na URBE, cheguei a começar, diga-se de passagem,
028. eu tive pontos pra fazer economia.
029. **Carol:** Risos.
030. **Alberto:** Na CRUSCE, porque a prova era a mesma naquela, naquele
031. ano, não sei como anda isso hoje, mas naquele tempo as provas
032. vinham por grupos.
033. **Carol:** Hu-hum.
034. **Alberto:** (?) as provas eram as mesmas.
035. **Carol:** Hu-Hum.
036. **Alberto:** (?) nem as provas nem os pesos das provas, enfim, (?) eu fiz
037. contabilidade.
038. **Carol:** Aí tudo dependia da sua pontuação, né?
039. **Alberto:** É, eu tinha, eu tinha, eu tinha ponto para qualquer coisa na-
040. naquele negócio que eu fiz. Comecei a fazer contabilidade,
041. mas passei logo por um trote lá, experiência horrível porque
042. não levou a nada.

Alberto utiliza o recurso de fazer um resumo do percurso que o levou à decisão de fazer Economia. Ele utiliza essa estratégia para sinalizar o enquadre que vai dar à narrativa, antecipando o tipo de estória que vai ser contada e negociando com o ouvinte a avaliação que ele espera ser compartilhada.

Embora em geral o resumo tenha a característica de ser pequeno, Alberto o faz de forma detalhada – em 25 linhas (todo o fragmento 2). Tal recurso é usado porque é nesse momento que ele dá um enquadre à narrativa para desde o começo mostrar que o curso de Economia que proporcionou sua ida para os Estados Unidos, assim como a sua própria viagem, foram golpes do acaso, já que não foram fruto de um planejamento.

Ao enfatizar que estudava bem longe de casa (fragmento 1, l.7-8), ele também já começa a mostrar que nunca teve medo das dificuldades que a distância impunha. Nesse primeiro momento, Alberto não constrói uma narrativa Laboviana, mas usa como recurso o que Linde chama de crônica, pois, além de estar recontando sua estória segundo um esquema temporalmente organizado, ele quer fazer crer que a ordem em que ele

constrói a narrativa foi realmente a ordem em que as ações aconteceram em sua vida. Para tal, ele faz um resumo onde toda a trajetória é contada de uma só vez, sem dar tempo da audiência analisar sua estória e questionar qualquer ação. O piso de Alberto (que é único no macro-bloco narrativo 1) só é interrompido por afirmações cooperativas da entrevistadora, sem que haja perda do ponto, que é mostrar que as adversidades impostas ao Alberto-menino só contribuíram para fortalecer o Alberto-adulto que precisaria enfrentar as mesmas (ou maiores) adversidades no futuro.

4.1.2- A sorte bate à porta

Em seus estudos sobre narrativa, Mishler (2002) introduz a noção de “pontos de virada”, que são incidentes que podem ocorrer de modo repentino ou inesperado na vida de uma pessoa, geralmente relatados em estórias de vida para mostrar como de repente a vida pode mudar e seguir caminhos não antes imaginados (Mishler, 2002:106). Alberto atribui seus pontos de virada ao acaso. Com isso, ele mostra que não tinha como mudar os fatos.

Existem dois pontos cruciais a serem pensados para a análise das suas estórias: o primeiro é que, atribuindo os acontecimentos da sua vida a algo que não foi previamente planejado, ele se exime de qualquer fracasso que venha a acontecer. Por outro lado, também mostra que, mesmo fazendo-se de humilde todo o tempo, ele é uma pessoa bem preparada, pois é capaz de enfrentar as adversidades (mesmo aquelas para as quais “não estava preparado”) e ter êxito em todas elas, como o exemplo que veremos agora.

Fragmento 3

- 044. Alberto:** Muitas vezes não tinha aula, ficava lá à toa, aprendi a jogar sinuca, né, só. E passei por um trote danado por lá e desisti, **045.** porque não dava URBE e isso (?) e todo tipo de coisa, então **047.** não funcionou. Depois na URBE fiz no final, no último ano por **048.** lá, eu li um livro (?) e esse livro me deixou muito interessado **049.** (?). E como o livro era muito sobre microeconomia, eu quando **050.** vi tava me candidatando à primeira vaga que ia aparecer para **051.** assistente de ensino em microeconomia.

Alberto não dá muito tempo para a orientação (I.44) por acreditar (ou querer fazer crer) que tudo não passou de um golpe de sorte (I.44-45). Como nada foi planejado anteriormente, não há necessidade de dar informações detalhadas, a não ser aquelas coerentes com a avaliação que se pretende fazer. Ele apenas estabelece as circunstâncias que o levaram à ação complicadora, ou seja, é por acaso que somente no último ano de faculdade ele pega um livro que desperta seu interesse (I.47-48) e, pulando todo o processo que o leva à disputa (I.49-50), ele já se vê candidatando a uma vaga de assistente de ensino de Economia.

A unidade discursiva utilizada por Alberto é considerada por Linde (1993) como sendo uma explicação, pois a audiência precisa concordar com a proposição do seu enunciado para que ambos possam partilhar da mesma avaliação que está sendo co-construída. Segundo Mishler (2003), uma estória é regida pelo seu final. Ambos (entrevistador e entrevistado) sabemos qual será o desfecho da sua estória de vida, já que há conhecimento partilhado da entrevistadora sobre a sua estória, mas, durante a narrativa, Alberto precisa construir um elo de cumplicidade com a ouvinte/interlocutora para que ambos possam concordar na avaliação que ele vai propor ao final da entrevista, a qual vai justificar as identidades reivindicadas ao longo da conversa.

Alberto também se utiliza muito da estratégia do “acidente do acaso” (I.49). Linde propõe que “uma pessoa competente é um agente ativo no controle de sua própria vida” (Linde, 1993:93). Porém, durante a orientação, podemos notar que ele adota a estratégia de se passar por humilde, por dois motivos, o primeiro, ao atribuir tudo ao acaso, ele tira de si a responsabilidade de ser cobrado a ter sucesso, já que ele não queria nem planejava nada, mas foi levado para esse caminho; segundo, essa estratégia faz com que ele tenha uma avaliação ainda mais positiva, pois mesmo não tendo planejado nada disso, acabou sendo bem sucedido em um ambiente hostil à imagem de pessoas humildes, que não se pautam pelo sistema meritocrático.

Também podemos notar que, ao falar da vaga de assistente de ensino, ele valoriza o evento, pois ele não concorria a *uma* vaga (uma – artigo indefinido com valor impreciso, ou seja, qualquer vaga), mas à *primeira* vaga (l.50), ou seja, ele foi pioneiro, aquele que antecede ou está acima de outros quanto ao tempo, lugar, série, saber, qualidade.

4.1.3- Valorização da competência acadêmica

Alberto sabe que essa vaga só será concedida através da sua capacidade intelectual, já que a escolha para ocupar tal posição seria feita em uma sociedade meritocrática, mas minimiza esse peso através da sua ação complicadora (l.53-58) e coda (l.58-59), como veremos.

Fragmento 4

- 053.** **Alberto:** (?) então eu fui assistente de ensino (?) boas notas (?) e no
054. geral, no particular, no curso de línguas e (?) foi por ali (?) que
055. eu fui parar nos Estados Unidos, que a, o autor daquele livro
056. veio ao Brasil e, pra uma palestra, eu conversei com ele, ele
057. disse: “escreva, escreva pra mim”, eu escrevi, fiz lá os exames
058. todos que havia e fui em 89 (?) adorava jogar futebol, mas
059. nunca tinha tempo.

Com uma seqüência de verbos no passado, vem a ação complicadora, que é a ordem das coisas importantes que aconteceram em seu caminho: ele foi assistente de ensino (l.53) e se avalia como competente, embora sempre humilde (notas boas *no geral* – l.53). O único momento dessa primeira parte em que ele se avalia, já sem a máscara da humildade, é quando ele fala do seu bom desempenho no curso de línguas (boas notas no curso de línguas *em particular* – l.54). Ele dá uma ênfase nesse ponto, porque essa é uma das diferenças do brasileiro (e do estrangeiro de um modo geral) que vai para os Estados Unidos. Aquele que vai em busca de emprego e que normalmente é mal visto pela sociedade americana por não dominar a língua inglesa. Esse é o seu diferencial (ou daqueles que vão para os Estados Unidos em busca de especialização acadêmica), ou seja, a competência no inglês, mostrando

que ele não vai para os Estados Unidos para ocupar a brecha que o americano bem sucedido não quer, mas vai para brigar pelos melhores lugares, aqueles destinados em sua maioria aos próprios americanos.

Mey (*apud* Signorini, 1998) discute a questão da língua como fator de estabelecimento de uma identidade étnica, pois é ela – a língua – que denuncia um falante local de um estrangeiro. Para ele “um sotaque estrangeiro será sempre notado e comentado e, em ocasiões especialmente infelizes, será usado contra o falante” (Mey, 1998 *apud* Signorini, 1998:75). Ainda com relação à questão da língua como agente diferenciador, Mey explica:

*A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da ‘alma’ ou do ‘íntimo’, ou do que quer que seja, do indivíduo; é, acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se seus membros fossem a sua boca. (Mey, 1998 *apud* Signorini, 1998:76-77).*

Daí vem o apego e a importância que os nossos informantes dão ao domínio do inglês. Se a língua é a maneira pela qual a sociedade se expressa, para se sentirem mais parte da sociedade hospedeira, eles dão importância à língua.

Ainda com relação à validação que Alberto dá ao sistema meritocrático, podemos dizer que a meritocracia passa a adquirir uma dimensão positiva, servindo como um fator no qual ele vai se pautar para justificar a igualdade de competição e de direitos no ambiente acadêmico. Daí o apego de Alberto ao mérito que o ambiente acadêmico confere a ele, porque, independente das origens de cada um, é o esforço e empenho intelectual que lhe vai garantir uma posição de igual para igual com os nativos, diferente dos imigrantes de camadas mais populares, que não concorrem da mesma forma, pois seu trabalho – braçal – é permitido porque o americano não quer fazer, ou seja, eles não conquistaram um espaço, mas abraçaram o trabalho que sobrou para eles.

Para ingressar no ambiente acadêmico, nativos e estrangeiros passam pelo mesmo processo, o que lhes garante a sensação de

democracia e igualdade. O que os espera depois, porém, é uma adaptação ao meio, tanto acadêmico quanto social.

4. 2- Macro-bloco temático 2: O ambiente acadêmico – (Con)vivendo “lá”

Por que o apego à academia? Porque o ambiente acadêmico se diferencia do trabalho braçal por um motivo: o sistema educacional norte-americano é uma das poucas instituições que possui instrumentos para distinguir os melhores entre os melhores e tratá-los com distinção entre os demais. Lembramos, entretanto, que este tratamento diferenciado se restringe a melhores salários e reconhecimento público do mérito alcançado. Barbosa aponta para o pensamento dual norte-americano, onde ou um indivíduo é um “*winner*” ou acaba por ser um “*looser*”:

Winners são os que conseguiram construir uma vida de independência e bem-estar e tiveram sucesso, ou seja, o reconhecimento público de seus méritos, através de salário, status, ascensão na carreira e celebridade. Losers são justamente os que não conseguiram ‘chegar lá’, seja este ‘lá’ onde for. (Barbosa, 1999:46).

Para os *losers*, resta apenas os empregos pouco qualificados e de menor *status*, ou seja, o trabalho aqui chamado de braçal, o qual ele divide com os imigrantes estrangeiros que estão em seu país. Entre os *winners*, entretanto, ainda há uma outra categoria a ser alcançada, o “*star system*”, a exaltação máxima do sucesso pela individualidade, muito cobiçado, principalmente, nas universidades, onde os alunos de melhor desempenho são premiados de diversas formas, ou seja, com um emprego muito melhor, reconhecimento da comunidade acadêmica e até mesmo com a maior das premiações, as turmas especiais, também conhecidas por novos programas, que recebem atenção diferenciada dentro e fora da academia.

4.2.1- Ser estrangeiro não pesa para um *winner*

Alberto quer ser um *winner*, e vai ter de provar que tem competência para tal com duas vezes mais força, pois ser um vencedor já é difícil, principalmente se ele for estrangeiro.

Fragmento 5

082. **Carol:** Hu-hum. E lá, basicamente, o senhor lecionava, estudava
 083. também. Fazia outro curso?
 084. **Alberto:** Eu não fiz, não me lembro de ter feito curso não. Substitui o
 085. professor que me inspirou a ir parar lá, que acho que no meu
 086. currículo aquilo que mais me agrada, que mais me dá
 087. satisfação é saber que essa pessoa, extremamente séria, dura
 088. em tudo, talvez muito boa internamente, né, mas sempre muito
 089. rígido (?). Achar que eu, para começar, que eu aceitando ia
 090. comparecer, ia chegar na hora, (?) e iria dar uma aula que, que
 091. satisfizesse lá os parâmetros, os padrões dele.

Alberto minimiza a força de dizer que teve (e ainda tem) *status* por ter ocupado a posição de ser um estrangeiro assistente de uma pessoa tão importante, através de estratégias lingüísticas como “*acho que no meu currículo*” (l.85-86). É claro que o cargo de substituto de uma pessoa que ele qualifica como “*extremamente séria, dura em tudo, sempre muito rígido*” (l.87-88) tem até hoje uma importância e até vaidade par o seu currículo/vida profissional/acadêmica. No entanto, Alberto transforma essa certeza em dúvida (*acho* – l.85), ou seja, nem todos precisam concordar com ele, não é uma opinião universal, embora o simples fato de um estrangeiro ocupar um cargo que em condições normais deveria ser de um americano já seja louvável.

Alberto implicitamente concorda que o estrangeiro precisa reforçar sua imagem positiva nos Estados Unidos, ou seja, mesmo em uma sociedade meritocrática, onde ele deveria provar sua capacidade acadêmica através do esforço pessoal, ele é primeiramente visto como um estrangeiro que precisa se desvencilhar desse rótulo, nas linhas 87-91:

“...essa pessoa, extremamente séria, dura em tudo, talvez muito boa internamente, né, mas sempre muito rígido (?). Achar que eu, para começar, que eu aceitando ia comparecer, ia chegar na hora, (?) e iria dar uma aula que, que satisfizesse lá os parâmetros, os padrões dele.”

Nessa passagem, temos dois pontos importantes: o primeiro é mostrar que, embora mais à frente ele diga que não há diferença entre estrangeiros e americanos, há sim uma dúvida sobre a competência dele (e do estrangeiro em geral) que antecede a competência intelectual. O estrangeiro é visto num primeiro momento pelo seu rótulo, principalmente o brasileiro, ou seja, preguiçoso, impontual e incapaz de dar uma aula num nível mais alto (l.89-90).

Essas características são implicitamente reforçadas na fala de Alberto, ao avaliar a atitude do professor ao escolhê-lo. Mesmo sabendo que ele, como estrangeiro, deveria superar todas essas barreiras “culturais”, deu o voto de confiança.

Na verdade, não foi um voto de confiança, já que um professor tão bom não iria arriscar sua reputação a troco de nada. Ele sabia que Alberto, embora corresse o risco de faltar, chegar atrasado e não dar uma aula satisfatória, fruto da sua origem brasileira, não faria isso por ser uma pessoa competente, qualidade valorizada na sociedade meritocrática americana.

O interessante é que Alberto faz uma avaliação entre as linhas 85 e 86 – *“acho que no meu currículo aquilo que mais me agrada, que mais me dá satisfação”* –, depois dá a orientação nas linhas 87 e 88 – *“saber que essa pessoa, extremamente séria, dura em tudo, talvez muito boa internamente, né, mas sempre muito rígido”*, para, por último, mostrar a ação complicadora *“ia comparecer, ia chegar na hora, (?) e iria dar uma aula que, que satisfizesse lá os parâmetros, os padrões dele”* (linhas 89-91).

Alberto fez isso porque ele precisava estar certo de que o ouvinte iria compartilhar com ele sobre o ponto da estória: um estrangeiro bem sucedido em uma sociedade tão diferente da sua, tendo de enfrentar não só as mesmas condições de qualquer imigrante (saudades da família, amigos, estranhamento cultural etc), mas tendo de mostrar sua

competência a todo momento. Competência essa que ele tinha, mas, de volta à sociedade brasileira, volta a repetir o discurso da humildade (não aceita na sociedade americana) para valorizar suas conquistas.

O segundo ponto mostrado por Alberto é que não basta ser bom para os parâmetros brasileiros, tem de ser excelente, tanto que as aulas deveriam satisfazer “os parâmetros, os padrões *dele*” (l.90-91).

4.2.2- Ser estrangeiro pesa até mesmo para um *winner*

Entretanto, Alberto contradiz sua fala anterior no próximo turno, ao ser perguntado se ele sentiu em algum momento um tipo de preconceito ou se o americano, embora valorize o desempenho individual, vê o estrangeiro com um certo preconceito. Alberto afirma que não, embora já tenha feito as avaliações anteriormente analisadas, e que também serão reforçadas mais adiante em sua fala ao relatar uma estória passada com ele mesmo. Vejamos sua primeira avaliação sobre esse “preconceito”:

Fragmento 6

125. **Carol:** O senhor sentia assim, que em algum momento o americano
 126. ele tinha um olhar diferente, diferente pro brasileiro, um olhar
 127. realmente de estrangeiro ou não? Ele tava ali justamente para
 128. fazer ciência, pra contribuir com o crescimento pessoal dele e
 129. também pro país naquele momento em que estava ali? Ou não
 130. ser brasileiro tinha uma certa dificuldade a galgar?
131. **Alberto:** Não, não tem nada disso. No departamento no ano em
 132. particular que eu entrei, quase todo mundo era estrangeiro.
133. **Carol:** Hu-hum.
134. **Alberto:** (?) professores estrangeiros.
135. **Carol:** Hu-hum.
136. **Alberto:** Com alunos quase todos estrangeiros (?) uma americana e ela
 137. não chegou, tenho impressão que ela nem voltou pro segundo
 138. semestre, tava indo muito mal.
139. **Carol:** Hu-hum.
140. **Alberto:** Nem voltou pro segundo semestre e eu acho que era a única.
 141. No ano seguinte, não sei por que razão, se foi por acaso ou
 142. não, houve mais alunos americanos.
143. **Carol:** Hu-hum.
144. **Alberto:** Até alguns dos meus melhores amigos lá vieram a fazer no ano
 145. seguinte é (?) americanos.

Segundo Alberto, não houve nenhum preconceito com relação a estrangeiros no departamento dele enquanto ele estava lá (l.131-132), e reforça isso mostrando que havia apenas uma aluna americana, e que sua origem não deu a ela nenhum privilégio, como prega a sociedade meritocrática. A igualdade de direitos é tanta que a colega americana nem chegou a voltar para o segundo semestre, provando que apenas sua competência a manteria ali (l.136-138).

No entanto, Alberto também diz que, no ano em que ele entrou (talvez o pior deles, porque é o ano de adaptação), a maioria dos alunos e também dos professores era constituída de estrangeiros (l.131-134). Talvez por serem maioria, os estrangeiros do departamento compartilhassem uma certa solidariedade já que eram todos iguais em uma sociedade diferente das suas. Esse sentimento fez com que não existisse preconceito, já que todos estavam nas mesmas condições.

Ao sair do contexto estrangeiro/estrangeiro e começar a lidar com a sociedade hospedeira, Alberto sente o preconceito. Embora ele tente manter a postura de que não há diferenciação, reproduzindo o discurso da sociedade americana baseado no esforço individual e mérito próprio, Alberto admite que passou por um momento em que sentiu uma diferenciação no tratamento. Só o que ele não deixa explícito num primeiro momento é se ele foi “mal tratado” (para os padrões brasileiros) por ser estrangeiro ou se o tratamento destinado a ele é simplesmente parte do comportamento comum à sociedade americana. Ao tentar levar para a cultura hospedeira um traço da sua cultura de origem, ocorrem as situações de conflito, como a que veremos a seguir:

Fragmento 7

- 189. Carol:** A universidade pagou?
190. Alberto: A Universidade de Nova Iorque pagou os, pagou os cursos. Eu fiz os cursos (?) é num deles nós tínhamos testes quase toda
191.
192. Carol: aula.
193. Alberto: Hu-hum.
194. (?) exercícios no livro que a gente tinha que fazer, não tinham nada a ver com teste e no fim, então, de uma aula ele tava dizendo (?) então (?) exercício tal, exercício tal, blá, blá, blá
195.
196.

197. (?) todos que tinham a ver, e eu me perdi uma certa altura e
 198. aproveitei uma pausa do professor, que ele ia olhando e ia
 199. vendo o que é que tinha a ver ou não (?) lia alguns pra saber se
 200. aquele estaria ou não incluído (?) que não estavam incluídos,
 201. **Carol:** nesse tempo eu procurei a brecha e perguntei ao cavalheiro
 202. **Alberto:** Risos
 203. Ao meu lado, é, o que, digamos, “o quatro-quatorze está
 204. **Carol:** incluído?”, ou “o que é que ele falou depois do quatro-treze?”
 205. **Alberto:** Hu-hum.
 206. **Carol:** Ele virou pra mim: “ask him” pergunte a ele.
 207. **Alberto:** Hu-hum.
 208. De uma maneira (?) tipo, pô. Aí eu pensei: caramba o negócio
 209. é competitivo (?) e esse cara era americano. É aquilo. Foi um
 210. **Carol:** choque.
 211. **Alberto:** Hu-hum.
 212. Horas e horas depois, eu meio enjoado, sem apetite (?) foi
 aquele cara

Para falar de sua experiência traumática, Alberto dá uma grande ênfase à orientação (linhas 193-199), mais uma vez, a fim de desenhar o cenário para o seu ouvinte e fazer com que ele participe daquela cena para que ambos possam partilhar da mesma avaliação (l.207-209), ou seja, mostrar que o ambiente acadêmico é extremamente competitivo e que só através do trabalho árduo pode-se conseguir sucesso e respeito.

Tannen (1989) acredita que o uso de imagens é uma estratégia utilizada para criar envolvimento em uma interação. Ao descrever não só as ações e reações das pessoas envolvidas na ação complicadora, mas também as questões psicológica e até mesmo física que o afetaram, Alberto cria um maior envolvimento e imprime dramaticidade ao relato, fazendo com que a audiência se solidarize com ele. Alberto também utiliza tal estratégia ao fazer grandes resumos e orientações em sua narrativa, visando envolver o ouvinte na cena e situação que ele viveu, além de imprimir maior dramaticidade ao relato.

A ação complicadora (linhas 199-207) sugere que Alberto se comportou como se estivesse em seu país, onde as relações de solidariedade são maiores. Ele procurou a ocasião certa e o modo correto de fazer a pergunta, que, em sua opinião, não tinha mistério algum em ser respondida pelo que ele qualifica como “cavalheiro” ao lado.

O conflito travado na ação complicadora é fruto de um estranhamento cultural. A solidariedade entre iguais é prática comum na sociedade brasileira, onde uma pergunta sobre o que o professor acabara de falar seria respondida de forma natural e espontânea. Em uma sociedade como a americana, tal fato mostra: que o aluno estava desatento (pois não ouviu o que o professor falou) ou não tem competência para entender o que foi dito (limitações no uso e entendimento do inglês); um insulto atrapalhar a aula fazendo perguntas sobre um tópico já esclarecido pelo professor; não se pode contar com a solidariedade em um ambiente onde a competição está presente e é valorizada.

O interessante é que em nenhum momento ele mostra que foi mal tratado por ser um estrangeiro a não ser na sua avaliação (linhas 207-209), quando ele diz “*Aí eu pensei: caramba o negócio é competitivo (?) e esse cara era americano. É aquilo. Foi um choque*”. Se a ofensa partisse de qualquer outra pessoa, talvez não tivesse tanto impacto, mas ele enfatiza que o cavalheiro era americano, e ainda avalia a experiência como um choque.

Até hoje, tantos anos depois, ele ainda sofre com o que aconteceu naquele dia, e mostra que sua mágoa ainda não passou, pois trata o colega de classe com ironia atribuindo-lhe o adjetivo “cavalheiro” (l.200), pois o uso irônico subverte a relação de cortesia. Normalmente o cavalheiro é um homem de sentimentos e ações nobres, de educação esmerada, cortês. Ao ser exatamente o oposto disso, Alberto, mais uma vez, vestindo a identidade humilde e usando de muita polidez, o qualifica como cavalheiro, mesmo sabendo que ele estaria longe disso por seu comportamento negativamente avaliado à luz da cultura brasileira.

Quando ele lidava apenas com os seus pares estrangeiros, de certa forma o tratamento parecia ser de igual para igual, desfazendo-se as diferenças; mas ao lidar com o nativo, ele percebe as diferenças culturais e deixa transparecer na sua avaliação que há sim um olhar discriminatório por parte dos americanos sobre o estrangeiro. Então, embora Alberto acredite não haver diferença entre brasileiros e americanos, ele acaba por

avaliar que a sociedade hospedeira impõe suas regras, e que só resta a ele acatá-las.

Até mesmo na coda (linhas 211-212), ele traduz esse sentimento, ao dizer que horas depois ele ainda se sentia mal e atribuir tal fato ao colega de classe americano. Alberto mostra como essa experiência abalou sua estada em solo estrangeiro. Alberto também se utiliza nesse momento de linguagem não-verbal (não-captada pelo gravador, claro), mas ao lembrar esse fato avaliado como desagradável, ele faz cara feia e fica apertando o estômago, como se as lembranças trouxessem para o presente todos aqueles sentimentos que ele teve na hora, reforçando que “narrar é tornar presente” (Linde, 1993).

O sistema de coerência que Alberto tenta configurar vai de encontro ao que Linde (1993) chama de sistema de coerência baseado em uma causalidade adequada. Isso significa que, para justificar suas percepções, foi preciso criar “elos de causalidade aceitáveis como uma boa razão para justificar um evento ou seqüência de eventos” (Linde, 1993:127).

O elo que Alberto usa para justificar esse evento – o de ser maltratado e concluir que a competição é a base da sociedade americana – e sua conseqüente reação ante os fatos é a crença na meritocracia, que constitui um dos valores fundamentais da sociedade americana, basilar na construção da identidade norte-americana, muito legitimada, segundo Barbosa, pelos diplomas universitários. A diferença é que, nos Estados Unidos, o diploma universitário constitui um mérito adquirido, ou seja, os indivíduos mais “habilitados” são os mais recompensados (publicamente, principalmente), mas essas recompensas não são transmissíveis para as futuras gerações. O que é transmitido é esse espírito competitivo. No Brasil, o diploma universitário também é um privilégio adquirido pelos mais habilitados, mas espera-se que esse “status” seja reconhecido publicamente e repassado para as gerações a seguir ou até mesmo para as pessoas mais próximas.

Nota-se que, nas camadas mais populares, o mérito vem através do trabalho braçal, ou seja, na prática manual ou mecânica, por isso eles fazem questão de se diferenciar dos outros povos como sendo trabalhador. Já nas camadas mais abastadas, o mérito é legitimado pelo

diploma, ou seja, trabalho intelectual, produtor de conhecimento e informação.

Segundo Barbosa, numa sociedade meritocrática como a norte-americana, vigora no mérito uma ética diferente daquela que norteia as sociedades onde o afeto predomina, já que naquela, o bom desempenho é associado a realizações individuais objetivas, funcionando em um modelo de relações não só no trabalho, mas também sociais, baseado na competição, na busca da realização individual e na privilegiação do contratual em detrimento do social, e ainda completa, afirmando que a sociedade meritocrática “é um lugar onde se excluíram os aspectos afetivos da natureza humana [pois] nessa ética, a esfera pública deve ser gerida, predominantemente, por uma lógica de custos e benefícios em detrimento de uma solidariedade social” (Barbosa, 1999:27).

Isto posto, é possível entender porque, nas relações sociais, quando fora do país, o brasileiro se volta para a própria comunidade ou, ainda, para a comunidade de estrangeiros, sejam eles de que nacionalidade, pois, naquele momento, eles se tornam pares ao estarem na mesma condição, ou seja, de estrangeiros em um país regido por “regras” que não são suas.

Alberto também conta com a configuração de identidade baseada em projetos para justificar ter passado por uma situação como esta e ainda assim justificar sua permanência “lá”. A definição do projeto está muito ligada às emoções. Digo isso porque embora ela seja concreta, é também uma tentativa de justificar uma ação que para tantas pessoas é incoerente: deixar para trás os laços de amizade, trabalho e segurança do seu país para se aventurar em uma sociedade onde as relações seguras ficam de lado e são substituídas pela solidão, competição e afirmação de si mesmo como membro habilitado a estar naquela sociedade tão diferente da sua.

Segundo Alfred Schütz (1979 *apud* Velho 2003), projeto é a conduta organizada para atingir finalidades específicas, e pode desenvolver-se a partir de um indivíduo ou de um grupo, ao qual ele geralmente irá associar-se. Ao estabelecer para si um projeto, o indivíduo vai se

organizar por meios e/ou pessoas que irão ajudá-lo a conquistar seus objetivos.

São os projetos que vão situar o indivíduo na sociedade hospedeira, motivar sua permanência lá, bem como justificar suas ações, muitas vezes inconsistentes com as atitudes que ele teria em seu país de origem. Assim, conforme Velho (2003), o projeto não só ordena como dá significado à sua trajetória.

Ainda segundo Velho (1980), “a construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes ‘mundos’ ou esferas da vida social se interpenetram, misturam e muitas vezes entram em conflito”. Assim, para se compreender um projeto, é preciso entender o conjunto simbólico que está associado a ele, bem como o valor que cada sociedade confere a determinados símbolos. Nas classes mais populares, por exemplo, é dado um grande valor ao trabalho como forma de sobrevivência, principalmente porque elas vivem de projetos idealizados a curto prazo, ou seja, se preciso comprar algo para mim, trabalho arduamente e consigo o que quero. Ao tentar a sorte em outro país, estou conseguindo algo para mim a curto prazo, mas a longo prazo para os meus filhos. Já as classes mais abastadas possuem projetos mais planejados para uma concretização a longo prazo, ou seja, fazer um plano de carreira. Assim, o que se faz para conseguir concretizar tal projeto tem um valor simbólico diferente, calcado em trabalho intelectual e individualizado. Velho ainda compara:

Os alunos de camadas de renda mais baixa mais baixa têm não só, em princípio, maiores dificuldades para obter um desempenho satisfatório, como não dispõem dos recursos e apoios com que os de camadas mais altas contam fora da escola. Não se trata apenas da dimensão material propriamente dita, mas da própria importância relativa do ‘desempenho individual’ em famílias pobres. Não só pode ser diferente mas o seu contexto de avaliação, em princípio, vai diferir. Para uma família que vive em situação de penúria, pode ser relativamente pouco importante a reprovação do filho na escola comparando-se com sua necessidade de dispor de mão-de-obra para atender às necessidades mais elementares de sobrevivência. Já num contexto de camada média com projeto de ascensão social, o fraco rendimento escolar de um filho é vivido como uma real ameaça a sua própria identidade. (Velho, 1980, p.36-37)

Dessa forma, os valores simbólicos que permeiam cada grupo ou sociedade – classe social, status, religião e outros – vai definir a legitimidade dos projetos.

4.3- Macro-bloco temático 3: O retorno – Reconfiguração das identidades

Segundo Kristeva (1994), o imigrante não está no país para onde migrou para perder tempo. Sua decisão de migrar e persistência em permanecer dependem do modo como ele vai lidar com os objetivos que ele traçou quando do momento de planejar a viagem, assim como de sua decisão de voltar. Inúmeros são os motivos que fazem com que um estrangeiro retorne ao seu país de origem (tempo de permanência expirado, inadaptação às regras da sociedade hospedeira, intolerância aos valores culturais, saudades da família/amigos, objetivos concretizados entre tantos outros). Quando não se consegue êxito para o objetivo inicial, é mais fácil encontrar “culpados”.

4.3.1- Carência nas relações afetivas

Mas e quando se é bem sucedido naquilo que foi proposto? É o que Alberto tenta fazer ao justificar seu retorno ao Brasil. Veremos, no decorrer desse bloco, que Alberto avalia sua situação como tendo sido bem sucedida, mas ainda assim tem vontade de voltar para o Brasil, sem saber como justificar esse retorno, já que poderia continuar usufruindo da vida que tivera até aquele momento. Nosso entrevistado parece confuso com essa decisão, que pela primeira vez não é concretizada por acaso, mas parte de uma reflexão sua. Para justificar-se, ele usa de diferentes estratégias, avaliações e até conflitos, a fim de levar a audiência a acreditar no que nem ele talvez estivesse certo: era hora de voltar.

Fragmento 8

272. **Carol:** **Carol:** Dois mil? Por que? Resolveu voltar ou realmente
 273. precisou voltar?
274. **Alberto:** Havia algumas coisas, talvez as duas mais importantes fossem
 275. a falta de que... um pouco... bastante pra terminar o programa,
 276. eu podia ficar, dizer o que aconteceu... perdi muito interesse,
 277. achei que as pessoas com quem eu iria querer conviver e curtir
 278. e tudo, eram muito fracas, tipo... na internet eu vendo aquelas
 279. coisas ficava abismado me fazia até mal ao ver... barbaridades
 280. incríveis... não sabiam o que estavam falando, e aí eu pensei:
 281. “caramba, eu imaginava que fosse querer travar um contato
 282. sério com essas pessoas, melhorar até os cem anos de idade, o
 283. meu conhecimento e to achando que os caras não estão dando
 284. pra começar a conversar, não fazem nada senão me deixar
 285. nervoso aqui do outro lado (?)”. Então, talvez com isso seria a
 286. e agora pra que... você pode falar (?) Então, no final... é,
 287. provavelmente não teria sido muito fácil eu ter muito controle
 288. sobre onde é que eu ia parar (?) ou talvez tivesse ido parar
 289. numa, na universidade... isso e aquilo... sessenta anos de idade
 290. **Carol:** tirando merda...
291. **Alberto:** Da porta
 292. Imaginei uma solidão terrível e coisa e tal. Tipo, achei também
 293. que talvez, talvez fossem ótimos alunos, talvez não
 294. dependendo da universidade... saindo de lá talvez pra mesma
 295. estação que eles me aceitaram porque é o mesmo tipo de coisa
 296. (... os mesmos interesses... E a outra coisa era que eu tinha
 297. tido bolsa do CNPQ e por menos que fosse que eu tivesse
 298. utilizado do que estava disponível é era algo que eu ia ter que
 299. pagar logo (?) completando o curso eu ia ter que pagar... ou
 300. algo do gênero... (?) deixei de lado... longe da família a idéia
 de que tinha um primo... que eu adorava e tudo e... saí de lá.
 To aqui, não sei a quantas anda...

Como vimos, na decisão do retorno ao Brasil, Alberto parece estar muito confuso, talvez porque a volta não é fruto do acaso (como ele atribui sua ida), mas depende da sua decisão. Tal decisão deve ser convincente para que todo o trabalho de construção de identidade que ele fez durante a narrativa não seja em vão.

Ele dá vários motivos para justificar sua volta, sendo as ações complicadoras sempre seguidas de avaliação, a fim de convencer a audiência de que aquela foi realmente a melhor escolha a ser feita.

A primeira ação complicadora quase não é precedida de resumo ou orientação (linhas 274-276). Esta é dada apenas mencionando que dois

fatores o levaram a querer voltar para o Brasil, embora não antecipe para o ouvinte quais são esses fatores. Alberto parece não estar confiante de que seus argumentos vão convencer a audiência, pois vacila muito ao falar, não completa as frases/raciocínio e também qualifica gradativamente as ações.

Havia algumas coisas, talvez as duas mais importantes fossem a falta de que... um pouco... bastante pra terminar o programa, eu podia ficar, dizer o que aconteceu...
(l.274-276)

Alberto primeiro diz que alguns fatores o levaram a retornar (l.274) para logo em seguida mostrar que não foram apenas dois fatores, na verdade, mais coisas o fizeram tomar essa decisão, mas talvez ele possa elencar dois aspectos (l.274) mais importantes. Ele começa a dizer que falta alguma coisa em sua vida (l.275), mas não diz o que. Inferimos que possa ser uma decisão de cunho afetivo, já que, mesmo morando nos Estados Unidos durante esse largo espaço de tempo (dez anos e meio), Alberto não manteve nenhuma relação afetiva que satisfizesse suas necessidades de ser aceito no grupo (conhecimento que a entrevistadora partilha em sua relação pessoal com o entrevistado), já que descartamos as hipóteses de que lhe faltava sucesso – pois sua experiência foi bem sucedida academicamente –, ou dinheiro, pois ele mostra que tinha uma vida financeiramente confortável no Brasil e a mantém nos Estados Unidos.

Refletindo e acreditando que essa justificativa precisaria ser mais bem trabalhada ou até mesmo omitida, Alberto mostra mais uma vez incerteza e diz que faltava “um pouco” (l.275), sem terminar a frase, ganhando tempo para finalmente dizer que voltou porque ainda faltava bastante tempo para terminar o programa de pós-graduação que ele foi fazer lá (l.275). O problema é que ele percebe logo que esse argumento não é plausível, já que ele ficou dez anos nos Estados Unidos apenas estudando e trabalhando como professor assistente na universidade. Além disso, ele sabe que poderia ficar o tempo que fosse necessário para terminar esse projeto (“eu podia ficar” – l.276).

Ao se dar conta de que não conseguiria arrumar suas idéias e convencer a audiência de que academicamente ainda lhe faltava alguma coisa, Alberto admite que o que faltava era algo nas relações afetivas, que ele não conseguiu encontrar na sociedade hospedeira, partindo rapidamente para a ação complicadora (linhas 276-284). Alberto acrescenta mais um aspecto ainda não mencionado como motivo para a sua volta: a dificuldade de relacionamento e/ou de se adaptar à sociedade (e valores) hospedeira. Primeiro ele diz que as pessoas com as quais ele convivia eram muito fracas (se no ambiente acadêmico ele mesmo já disse que só tem pessoas capazes – *winner/losers*, inferimos que as pessoas eram fracas moralmente).

“perdi muito interesse, achei que as pessoas com quem eu iria querer conviver e curtir e tudo, eram muito fracas, tipo... na internet eu vendo aquelas coisas ficava abismado me fazia até mal ao ver... barbaridades incríveis... não sabiam o que tavam falando” (l.276-280)

Porém, mais à frente, ainda na ação complicadora, Alberto diz que não eram as pessoas com as quais ele poderia travar um contato a fim de melhorar o conhecimento. Inferimos que nesse momento ele já está falando do ambiente acadêmico, pois ele diz que as pessoas o deixam nervoso, remetendo-nos ao fato que ele mostra como marcante na seção 4.2.2, onde ele até passa mal e diz que horas e horas depois ainda se sentia física e emocionalmente mal por causa do colega de classe americano que, segundo sua interpretação baseada no sistema de valores culturais brasileiro, o havia tratado mal.

“e aí eu pensei: ‘caramba, eu imaginava que fosse querer travar um contato sério com essas pessoas, melhorar até os cem anos de idade, o meu conhecimento e to achando que os caras não tão dando pra começar a conversar, não fazem nada senão me deixar nervoso aqui do outro lado (?)’”. (l.280-284)

É na avaliação (linhas 285-288) e coda (linhas 288-289), que ele, ainda confuso, se diz certo da decisão que tomou. Ainda precisando afirmar a identidade que construiu durante a narrativa, Alberto emenda a

coda daquela primeira narrativa a uma segunda narrativa (ação complicadora nas linhas 291-295) em que ele avalia todo o tempo as pessoas com as quais ele se relacionava. Ele finalmente dá mérito aos alunos e fica solidário a eles, já que estão todos na mesma situação e com os interesses parecidos.

Então, talvez com isso seria a e agora pra que... você pode falar (?) Então, no final... é, provavelmente não teria sido muito fácil eu ter muito controle sobre onde é que eu ia parar (?) ou talvez tivesse ido parar numa, na universidade... isso e aquilo... sessenta anos de idade tirando merda...

...

Imaginei uma solidão terrível e coisa e tal. Tipo, achei também que talvez, talvez fossem ótimos alunos, talvez não dependendo da universidade... saindo de lá talvez pra mesma estação que eles me aceitaram porque é o mesmo tipo de coisa (?)... os mesmos interesses...(l.285-295)

Por último Alberto diz que a decisão de voltar não dependia apenas dele, e diz que precisou voltar por causa da bolsa auxílio que ele tinha de pagar (l.295-298). Mesmo assim, ele mistura esse argumento com a saudade da família (l.299-300). Ele utiliza a avaliação como uma coda para a sua narrativa, inclusive, trazendo-a para o momento presente, dizendo que agora ele está aqui, com tudo resolvido e perto da família, sem saber como está o primo que tanto o acolheu nessa sociedade diferente (linhas 295-300).

E a outra coisa era que eu tinha tido bolsa do CNPQ e por menos que fosse que eu tivesse utilizado do que estava disponível é era algo que eu ia ter que pagar logo (?) completando o curso eu ia ter que pagar... ou algo do gênero... (?) deixei de lado... longe da família a idéia de que tinha um primo... que eu adorava e tudo e... saí de lá. To aqui, não sei a quantas anda... (l. 295-300).

Ao se mostrar incerto sobre os motivos que o levaram a retornar para o Brasil, embora ele fosse uma pessoa bem sucedida academicamente, o que era seu objetivo primeiro, Alberto elenca várias justificativas para fazer com que a audiência concorde com pelo menos uma delas e reconheça nela um fator palpável para o seu retorno. Assim,

Alberto cria um sistema de coerência baseado na causalidade inadequada, ou seja, seus argumentos não fazem parte de crenças reconhecidas e compartilhadas pelo grupo, ao contrário, só fazem sentido para si mesmo. Os participantes da interação, enquanto membros da sociedade que ele quer se inserir de volta, tendem a caracterizar como verdadeiras ou falsas suas motivações. Daí a necessidade de, mais uma vez, envolver a audiência com estratégias baseadas em acidentes ou descontinuidade (Linde, 1993).

A identidade social do americano é construída de maneira a desvincular as relações pessoais e familiares da trajetória individual buscada apenas na própria trajetória e realizações, diferente do Brasil, que tem como característica a construção de uma identidade social calcada em sistemas familiares e afetivos, como filho de tal pessoa, sobrinho ou afilhado de outra, proclamando sobrenomes etc.

A definição parece simples e até mesmo justa, mas esbarra no fator cultural. O brasileiro tende a querer transferir as relações sociais que tinha no seu país para o país hospedeiro, e é aí que há um grande estranhamento, pois além da “pressão” de estar em um país estrangeiro, longe de casa, da família e dos amigos, ainda tem de se preocupar em “sintonizar” seu “mundo” às novas regras dessa sociedade hospedeira. É nesse momento que os valores começam a se desenhar de uma forma conflituosa, pois ele precisa lidar com os novos conceitos do que é desempenho, igualdade, lidar com os níveis de desempenho variados, o peso e o valor do desempenho passado, a competição e, principalmente, o individualismo.

Lidar com todas essas normas a serem seguidas e também com o novo faz com que o indivíduo passe a ter uma “crise de identidade”, pois ele não se reconhece na sociedade hospedeira, e nem pode se apegar aos costumes que deixou para trás. Por isso ele procura seus pares, estrangeiros como ele, para ter um lugar seguro até se adaptar ao novo ambiente.

4.3.2- Os laços afetivos o fazem ficar no Brasil

Quando perguntado se voltaria a morar nos Estados Unidos, Alberto se mostra mais uma vez muito confuso, misturando argumentos e avaliações. Ele sabe (tanto que tomou a decisão de ir para os Estados Unidos) que foi bem sucedido profissionalmente e que academicamente alcançou os objetivos almejados. As relações interpessoais, porém, tiveram um peso muito grande tanto para sua decisão de retornar ao Brasil quanto na sua avaliação dos anos passados no exterior.

Fragmento 9

404. **Carol:** E se recebesse uma proposta pra voltar pra lá agora, Voltaria?
 405. **Alberto:** Talvez, talvez.
 406. **Carol:** Largaria aos 35 anos aqui no Brasil?
 407. **Alberto:** Agora to com 40.
 408. **Carol:** Risos.
 409. **Alberto:** Talvez (?) é sobretudo, talvez por...pela criminalidade...Lá
 410. todos saem á noite,...Perdesse o medo, mas talvez perdesse o
 411. medo e morresse (risos). Pois é, aí perde de vez.
 412. Perogoso...Está (?). Então, acho que em parte por causa disso.
 413. E se resolvesse o problema da criminalidade, provavelmente
 414. eu não iria conseguir pagar o aluguel (?) então, a situação não
 415. é boa (?) o aluguel ia subir tanto que não ia dar (não ia
 416. conseguir) ia morar na baixada (ia continuar)
 417. provavelmente...Teria sido resolvido o problema,
 418. complicado...Uma cidade pequena lá, um lugar frio por
 419. exemplo, não, Nova Iorque talvez (?) preocupado com o
 mercado...Mas dependeria do lugar...

Ele fala que voltaria para lá por causa da baixa criminalidade (l.410-411), fator que o amedronta aqui no Brasil, mas em nenhum momento fala das oportunidades profissionais que poderia ter nos Estados Unidos. Ou seja, ao não tocar no assunto, inferimos que a avaliação da sua experiência não é positiva. Acadêmica e profissionalmente, ele foi bem sucedido, mas, mesmo morando tanto tempo lá, não conseguiu lidar bem com as relações interpessoais, fato que o faz ficar aqui no Brasil.

Finalmente, Alberto faz sua avaliação sobre a experiência fora do Brasil (longe dos laços afetivos e segurança das relações da casa), nos

Estados Unidos (competindo sob regras que não lhe são peculiares) e no entre-lugar destinado ao estrangeiro, que não consegue se desvencilhar dos traços da sua cultura de origem e tampouco consegue se inserir na cultura hospedeira, pois sempre será um estrangeiro aos olhos deles.

Linde (1997) acredita que a avaliação está grandemente pautada por normas sociais, extrapolando os limites lingüísticos. São três os tipos de avaliação: a) incidental; b) em nível constituinte; e c) em nível de tópico. A avaliação incidental está no nível da frase, e pode ser captada lingüisticamente. Alberto avalia sua experiência, então, de forma negativa, sempre utilizando-se de palavras de carga semântica negativa (criminalidade (l.410), morreu (l.412), perigoso (l.413), complicado (l.419), frio (l.419)) para mostrar o lado ruim de voltar para os Estados Unidos e reforçar por contraste as vantagens de continuar no Brasil.

Em nível constituinte, as avaliações são feitas a partir do ponto da estória (ou unidade discursiva). Para Linde, esse tipo de avaliação deve ser negociada e concordada pelas partes antes mesmo do final da narrativa. Alberto não faz essa avaliação, talvez porque nem ele mesmo estava certo dos fatores que o levaram a voltar ou não queira explicitar que foi a falta dos laços afetivos que o fizeram retornar. Assim, ele não teria como negociar com o entrevistador essa avaliação, mesmo porque ele já o fez anteriormente. Alberto negocia a avaliação constituinte não no final da narrativa, mas quando ela já se encaminha para o fim. Vejamos:

Fragmento 10

...Suprimidas as primeiras 24 linhas deste turno...

324. **Alberto:** e dá até pra me aposentar se resolver é... talvez a coisa que eu
 325. mais quisesse fosse estar com trinta e cinco anos (?) é no
 326. Brasil (?) ta bom agora você tem esse dinheiro aqui o que que
 328. você vai fazer com ele? Eu quero (risos) ter trinta e cinco anos,
 329. estar no Brasil... (?) Então... não tavam me agradando como na
 330. naquilo que teria sido mais normal... (?) aquilo não tava dando
 331. certo... eu ia mudar pra algo completamente diferente ia me
 332. matar de trabalhar, talvez não ter tempo pra conhecer uma uma
 333. mulher interessante (?) coisa e tal, talvez muitas ficassem
 334. comigo por interesse (?) esse cara nunca ta em casa, morre de
 335. **Carol:** trabalhar
 336. **Alberto:** Coisa boa

337. Ta ganhando, ta ganhando, ta ganhando bem
 338. **Carol:** (risos)
 339. **Alberto:** Assim que é bom.
 340. Não ia nem ter tempo de descobrir com quem eu tava lidando
 341. (?) E lá as... são monumentais, não é... e no mercado financeiro
 342. as lojas são... Meu primo que agora ta... ele deve ta rico, não
 343. **Carol:** tem nem trinta anos de idade, não fez nem trinta anos ainda.
 344. **Alberto:** Ainda pode chegar aos trinta e cinco e vir pro Brasil.
 345. Esse não, esse pode, esse pode, mas é um... virou um
 346. zumzumzumbi, zumbi (?) ir pra casa às quatro e meia, já tinha
 347. que ta saindo saindo pro trabalho de novo às sete, depois de
 348. não sei quanto tempo podia ir ao cinema, tinha que levar o
 celular achando que...

Ao perceber que a entrevistadora foi conquistada pelos seus argumentos (linhas 335, 338 e 343), Alberto sente-se mais confiante, pois já negociou uma avaliação positiva para si, tanto que logo depois ele se faz mais à vontade e toma um piso longo (49 linhas), o que não é característica da sua narrativa.

Já a avaliação em nível de tópico visa chegar à avaliação da qualidade das ações, o que Alberto não fez, já que as ações já foram tomadas e são irreversíveis.

4.4- Considerações finais

O valor central na sociedade brasileira é o das relações pessoais. Segundo Barbosa, três pilares constroem o sentido de desempenho na sociedade brasileira:

[o desempenho] é o somatório de duas variáveis externas e de uma interna, que se combinam em proporções diferentes nos indivíduos. São elas: a) posição social de cada um (pobre, rico, remediado, carente etc.); b) as deficiências estruturais do sistema brasileiro (como o governo não dá dinheiro para a educação, o estudante não tem livro para estudar; as condições de trabalho são precárias etc.); c) as idiosincrasias subjetivas (estado de espírito, ritmo pessoal, condições familiares e psicológicas etc.). (Barbosa, 1999:69)

Assim, podemos constatar que a questão do desempenho na sociedade brasileira está muito mais ligada aos fatores pré-concebidos culturalmente do que com algo que ele possa lutar e construir por si só. Portanto, pode-se dizer que é difícil pensar em uma igualdade de condições, pois o indivíduo vai sempre esperar ser avaliado de acordo não só com o seu desempenho individual, mas também levando-se em consideração o ambiente e as condições de produção.

Sob essa ótica, o indivíduo sempre levará consigo a marca de sua família, condição social, origem etc., fazendo disso um fator para justificar o seu fracasso, bem como para minimizar o sucesso do outro. Na sociedade americana, tais variáveis serviriam apenas para valorizar o mérito individual, enquanto que, no Brasil, para legitimar o desempenho.

Isto posto, pode-se dizer que a competição sempre será vista de forma negativa, pois o desempenho de cada indivíduo deverá ser medido de acordo com n variáveis, dificultando, ou mesmo impossibilitando qualquer comparação. Nos orientamos, assim, por uma avaliação diacrônica⁴, diferentemente da sociedade americana. Daí os choques culturais e as dificuldades de relacionamento e convivência em uma sociedade regida por valores tão diferentes, principalmente em um momento em que o indivíduo está frágil, pois, como exposto na introdução deste estudo, ao migrar, o estrangeiro deixa para trás todas as relações de afeto, cumplicidade e segurança construídas durante toda a vida e se insere (ou tenta se inserir) em um ambiente desconhecido e diferente do seu.

Ao não encontrar um “porto seguro” nas relações com o outro (hospedeiro), o estrangeiro acaba tentando remontar no país em questão um pouco da sensação de estar no seu lugar de origem, fazendo sempre as redes de amizade com os seus pares: ou ele vai procurar brasileiros iguais a ele ou pelo menos se inserir em um grupo composto apenas de estrangeiros que, guardadas as suas particularidades culturais,

⁴ Para Barbosa (1999), o sistema sincrônico – no qual está baseada a sociedade americana – reconhece o mérito do indivíduo naquele momento e para o fim específico a que ele se destina. Já a avaliação diacrônica – legitimada pela sociedade brasileira – prevê uma série de variáveis a serem analisadas (como origem, influências políticas, contatos e outros) para, por fim, julgar o mérito de uma pessoa.

compartilham dos mesmos sentimentos em relação à sociedade hospedeira.

“Eu agi dessa forma porque é assim que eu sou” (Linde, 1993:21). Linde propõe que as narrativas de estória de vida são construídas não para mostrar uma ação no mundo, mas para expressar um ponto sobre o que somos e como chegamos a essa forma. Ao mostrar as suas reações ante os diferentes contextos, Alberto configura e reconfigura sua identidade de modo a se adequar a cada passo da sua trajetória.

Ele começa (e mantém até o final) criando uma identidade humilde baseada nas regras da sociedade brasileira, muita calcada nas estratégias de polidez e proteção à face positiva dos participantes da interação. Mesmo sendo humilde e tendo de passar por adversidades que ele julga não ter tido qualquer controle sobre elas – já que foram fruto do acaso –, ele é uma pessoa bem preparada, e, estando “lá”, embora tente usar as mesmas estratégias que usaria “aqui”, não é bem-sucedido. É aí que entra a difícil tarefa de lidar com o entre-lugar: ele não consegue lidar com as normas da sociedade hospedeira, pois não conhece as regras que regem aquele ambiente (ou até conhece, mas não sabe lidar com elas), e também não pode agir como se estivesse no Brasil, principalmente porque os ritos aceitos em ambos os lugares são diferentes.

Nesse momento, sua identidade se reconfigura e ele passa a reivindicar uma identidade pautada nos valores da sociedade hospedeira, sem esquecer que a audiência pode estar avaliando-o de acordo com os valores da sociedade brasileira. Ele reivindica a identidade de uma pessoa capacitada a ocupar o *status* que ele fez por merecer, incorporando as bases do sistema meritocrático americano, que garante igualdade de condições para competir com qualquer pessoa, independente de sua origem étnica. Porém, como a audiência pode vir a avaliá-lo negativamente por isso, Alberto minimiza essa identidade sempre se passando por humilde, pois sabe que é uma característica apreciada “aqui”.

Ao longo da análise da entrevista de Alberto, podemos perceber que, embora a qualificação para o trabalho seja o princípio e o fim de

suas conquistas, ele é “sufocado” pela trajetória acadêmica. Alberto, apesar de guiado pelo contexto americano onde o sistema de mérito, através do esforço pessoal, tenta construir sua identidade por uma característica do brasileiro: a humildade. Embora ele mostre ser extremamente capaz (tanto para os padrões brasileiros e principalmente para os padrões americanos), ele nunca se diz capaz, mas dá pistas para que o ouvinte chegue a essa conclusão. Tanto que os grandes eventos da sua trajetória, aqueles que só pela capacidade intelectual podem ser alcançados, são atribuídos ao acaso, como não planejados.

Alberto tem a característica de retratar esses pontos de virada (Mishler, 2002) como golpes de sorte ou como sendo por acaso. Assim, ele tira de si a responsabilidade por qualquer coisa que venha a ser bem-sucedida. Por ser um acadêmico, ele sabe que as situações bem planejadas e bem analisadas tendem a ser bem sucedidas. Sendo assim, ele não pode correr o risco de dizer que planejou algo que não deu certo. Por isso ele atribui ao acaso os pontos de virada em sua vida. Utilizando essa estratégia, Alberto vai construindo um *self* que mostra que, embora os grandes acontecimentos de sua vida sejam frutos do acaso, ele é uma pessoa bem preparada para assumir esses riscos e ser bem-sucedido em qualquer situação, seja ela adversa ou favorável. Sua construção de identidade, porém, esbarra no caráter humilde que ele dá às narrativas. Apesar de bem preparado, ele não faz menção a tal qualidade, mas deixa por conta do ouvinte fazer essas inferências. Assim, sua valorização acaba sendo maior ainda, pois a audiência se convence de que, além dele ser bom no que faz, tem ainda a capacidade de ser humilde, característica pouco presente em pessoas academicamente bem sucedidas.